

Reflexões pedagógicas na obra de Guerra Junqueiro

Carla Espírito Santo Guerreiro

Em meados do século XIX, Portugal encontrava-se política, social e economicamente num estado caótico.

Para o delinear desta situação em muito contribuíram os políticos fraudulentos e corruptos, mais absorvidos por mesquinhos interesses pessoais do que pelo efectivo desenvolvimento do país.

Particularmente nos campos, a situação era de grande penúria, motivando um enorme fluxo de emigração, sobretudo para terras brasileiras, em busca de melhores condições de vida.

É neste momento histórico, mais concretamente em 1850, que na pequena vila transmontana de Freixo de Espada-à-Cinta nasce Abílio Manuel Guerra Junqueiro, poeta que pela força e engenho da sua palavra havia de marcar não só o século XIX, mas toda a nossa história literária.

Em Portugal, as Artes e Letras sentiam como nunca a falta de apoio governamental, o que agravava as difíceis condições de vida dos Artistas. Os escritores precisavam da protecção do Estado e este oferecia importantes cargos no Governo em troca do “controlo da pena”, daqui surgindo a chamada “literatura oficial”.

Nesta época surgia em Coimbra um grupo de intelectuais, liderado ideologicamente por Antero de Quental e José Fontana e

do qual fizeram parte alguns dos maiores escritores da história da Literatura portuguesa, tais como: Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e Teófilo Braga, entre outros.

Esta Geração de Setenta, como viria a ser conhecida, é constituída por um conjunto de jovens que, influenciados pela cultura francesa, irão opor-se a um governo monárquico, cada vez mais contestado no final do século, insurgindo-se a nível literário contra uma prática ultra-romântica ligada a António Feliciano de Castilho e seus pares. Estes jovens escritores protagonizaram uma autêntica revolução cultural no país, agitando consciências e poderes instituídos. São disso exemplo a célebre Questão Coimbrã e as Conferências do Casino. Durante sete anos, Guerra Junqueiro acompanha fielmente a contenda literária entre os autores românticos e os realistas, com os seus duelos, os reptos de dialéctica e os sarcasmos, de parte a parte.

Por volta do ano de 1865, Junqueiro deslumbra-se com a posição ideológica e literária da *Geração de 70*, embora sem ter autoridade para pertencer ao “Grupo dos dissidentes”, como lhe chama Eça de Queirós. Na memória do Poeta ficam profundamente gravadas as palavras proclamadas por este grupo: *“a poesia não pode ser apenas arte, distração e beleza tem de ser algo mais, tem de ocupar-se da humanidade, ou seja, dos mais fracos, dos mais pobres para que o deixem de ser”*.

Por temperamento e educação, por solicitação intrínseca, reforçada pelas influências ambientes, Guerra Junqueiro foi boa parte da sua vida um poeta social e político, atento e crítico relativamente aos desenvolvimentos históricos que se desenrolaram em Portugal e no mundo.

Junqueiro conseguiu sempre exteriorizar o seu subjectivismo, daí a sua predilecção pelo modo lírico, ao invés do narrativo ou dramático. No entanto, todas as suas obras líricas têm uma característica que as universaliza: **é um lirismo voltado para o mundo exterior, o que o rodeia, nomeadamente, para a situação dos mais desprotegidos e esquecidos pelo poder: os pobres e as crianças.**

O poeta usou a sua obra literária para reflectir não só sobre os temas e os assuntos que considerava mais importantes e mais prementes da sua época e país, mas também sobre temas e assuntos, de todas as épocas, porque são atemporais e universais. Deste modo, o tema da **Criança** é uma constante em toda a sua produção literária. Preocupado com a sua situação de total abandono, a vários níveis, e consciente da importância da sua formação integral para a construção de um Portugal a par do resto da Europa, Junqueiro dedicou-lhe a melhor parte da sua obra.

A título de ilustração da situação infantil, no séc XIX, e mais concretamente no distrito de Bragança, atentemos nas palavras

do historiador Macedo Pinto, quando em 1838, na obra *Topografia de Bragança*, escrevia:

“Pelo que toca a estabelecimentos públicos de ou particulares, científicos, de beneficiência, de espectáculos, etc, nada temos a dizer, porque o distrito está virgem a tal respeito.”

Começemos por olhar para a educação da criança desde os primeiros tempos, a idade pré-escolar. A respeito da educação pré-escolar do distrito, afirma o mesmo autor:

“Nas aldeias e lugarejos é onde se nota a maior miséria, as crianças desde poucos dias de idade ficam muitas vezes sozinhas (quantas vezes fechadas em exíguos compartimentos), ou sob a guarda de irmãos mais velhos.

É assim que vão crescendo, é assim que vão aparecendo por si próprios.

Quando já começam a andar, vagueiam na rua todo o dia, procurando a casa só quando precisam de se alimentar. As crianças ainda antes da idade escolar são já solicitadas para os serviços do campo, nomeadamente a guarda do gado. Esta mesma característica irá prolongar-se durante a idade escolar.

Nas populações urbanas, o problema toma características diferentes, mas não deixa de exigir o afastamento das crianças, visto a maioria das mães serem empregadas e estarem fora de casa todo o dia. Aqui, se bem que não haja o abandono da criança a si própria, há no entanto o entregar do bebé à guarda de incautos e inexperientes, ou então entregar o bebé a certas casas particulares que parecem ser autênticos repositórios de crianças.”

A Propósito da formação académica e pedagógica do corpo docente das escolas de Ensino Primário existentes (em 1854, segundo o Abade de Baçal existiam no distrito de Bragança 55 escolas masculinas e uma feminina), continua, Macedo Pinto:

“Algumas das escolas não têm mestres, ou têm mestres de fraca qualidade, tendo, em muitos casos, que fechar. São puras fábricas de descontentamento.”

Este autor conclui com a seguinte constatação:

“Vemos uma multidão de analfabetos e semianalfabetos a emigrarem para o estrangeiro, sem aquele mínimo de conhecimentos que os libertaria do trabalho que existe paredes-meias com o animal de carga [...]

A par do relevo assumido pela família, primeira escola de formação da criança, Guerra Junqueiro considera a Escola como instituição essencial da vida de qualquer país, devendo ser orientada para a formação de caracteres e transmissora de valores e saberes úteis à criança na sua vida futura.

Profundo conhecedor da Europa do seu tempo nas suas múltiplas vertentes, social, cultural e científica, o autor revela-se consciente do atraso estrutural da sociedade portuguesa, nomeadamente no que concerne à área da Educação. Pedagogicamente enferma, a escola portuguesa tinha um carácter atrofiante, inibindo, ao invés de desenvolver, as capacidades da criança, como deveria ser a sua função.

Em «A Escola Portuguesa», poema da obra *A Velhice do Padre Eterno*, o autor apresenta-nos a radiografia nítida da Escola de Primeiro Ciclo existente no Portugal do século XIX.

Como tivemos oportunidade de ouvir, as crianças são apresentadas como um “Doirado enxame de abelhas”, de cujas “bocas de rosa/ Saem murmúrios de estrelas.”¹ E estas crianças estão entregues às ordens de um mestre-escola, definido como “zangão”², alguém sem formação pedagógica específica para conviver com e orientar crianças nas suas primeiras aprendizagens, qual “João Félix c’oas unhas negras” vai “Mostrando as vogais aos lírios”³.

Sem qualquer preocupação de actualização profissional a nível científico ou pedagógico, este professor é considerado “um anacronismo”⁴ que pela sua ignorância e falta de sensibilidade é mesmo apelidado de “professor asinino”⁵.

Os métodos e conteúdos pedagógicos vigentes na Escola portuguesa do século XIX também não escapam à análise perspicaz e à crítica demolidora do autor. O ensino é baseado no método escolástico e a actividade intelectual dos pequenos discentes limita-se a uma repetição estéril de palavras que visa apenas um domínio: a memorização de conceitos. Assim: “Soletram versos e prosas horríveis”, “Abrem a boca os ditongos/ E as cifras tristes dão ais”⁶.

Os métodos não são mais aliciantes que os conteúdos pedagógicos transmitidos. A par das imprescindíveis cartilha e tabuada, a palmatória e a fêrula eram elementos sempre presentes em qualquer estabelecimento escolar, o que muito indigna Junqueiro, que não resiste a comentar: “Barbaridade irrisória/ Estúpido despotismo/ Meter uma palmatória nas mãos de um anacronismo!”⁷. Por oposição à beleza e fragilidade com que as crianças são descritas, o mestre-escola surge como a personificação da severidade e do castigo, “Empunhando as rijas fêrulas”⁸.

Com efeito, a agressividade da parte de quem ensinava e o medo/terror por parte de quem aprendia eram os sentimentos predominantes na escola de então e merecem ao autor a crítica mais severa:

“A palmatória, o açoite, / A estupidez decretada! / A Lei incumbindo a noite da educação da alvorada”.⁹

Por tudo isto, o autor considera que “Esta Escola é um atentado, /Um roubo feito ao progresso”¹⁰. Em seu entender, as escolas do seu tempo “são açougues de inocência, /São talhos de anjo, mais nada”.¹¹

Sabemos que no século XIX, a primeira escola da criança é duramente criticada, por Junqueiro, por não cumprir o seu verdadeiro papel. Ele acredita que a missão da escola é completamente outra daquela que naquela época ela desempenhava e que, necessariamente, tem de sofrer mudanças significativas.

Desde logo, o poder político deve alterar a sua postura perante o Ensino, permitindo ao corpo docente uma renovação de hábitos e métodos. Só assim as crianças poderão desabrochar para a vida e para o conhecimento, de forma a crescerem livres e conscientes da sua valia. Afinal “Como querem que despontem/ Os frutos na escola aldeã, / Se o nome do mestre é -Ontem e o do discípulo- Amanhã!”¹². Como há-de haver renovação e evolução “Se é o passado quem ensina/ O bê- a- ba ao futuro?”¹³

Só se de facto houver uma alteração profunda e radical do sistema de ensino português pode a instituição escolar cumprir a mais nobre das missões: ajudar a estimular o desenvolvimento das capacidades e aptidões latentes na criança, pois, segundo Junqueiro: “O homem sai da criança como o fruto sai da flor” e “da pequenina semente que a escola régia destrói /Pode fazer-se igualmente/ Ou o assassino ou o herói”.¹⁴

Como é visível, na opinião do poeta, a actuação da Escola é vital e marcante no desenvolvimento da criança, não sendo difícil compreender pelas suas palavras que enquanto não se fizer uma reforma estrutural do sistema educativo, a Escola não cumprirá a sua função, não passando de “um atentado, / Um roubo feito ao progresso”¹⁵. Ela não é mais que um “paúl” ou “muro da ignorância”¹⁶ que atrofia as pequenas mentes infantis¹⁷: “Vós esmagais e partis/ As crianças-essas pérolas/ Na escola-esse almofariz”.¹⁸

Até ao dia em que os responsáveis pela educação em Portugal tomem medidas sérias, no sentido de reestruturar a escola, as crianças, “Desgraçadas toutinegras”¹⁹ vão continuar a contemplar com inveja “As andorinhas passando/ Do azul no livre esplendor”.²⁰

Além da chamada escola régia, a primeira, e na maior parte dos casos, única escola das crianças portuguesas do século XIX, havia outra instituição que tomava a seu cargo a educação dos jovens: o seminário. Neste local, muitos rapazes encontravam a única oportunidade de singrar na vida, fugindo ao ciclo infernal da vida agrícola.

A ida para o seminário perspectivava-se como a única saída para uma vida tão miserável como a dos pais.

De carácter religioso e austero, a educação nos seminários estava na mão de padres que, na maior parte dos casos, não tinham formação ou sensibilidade para compreender e educar os jovens que lhes eram confiados.

Junqueiro, crítico por natureza da ortodoxia católica, mostra-se particularmente cáustico relativamente aos princípios pedagógicos adoptados no seminário, considerando que eles eram atrofiantes para o ser humano, sendo responsáveis pela degeneração da pureza natural das crianças.

Vários são os momentos literários em que Junqueiro reflecte sobre a forma como os jovens são educados nos seminários. O texto «Como se Faz um Monstro»²¹ descreve o percurso biográfico de um rapaz oriundo do meio rural, cujo pai decide que o filho deve enveredar pela vida eclesiástica para ter um nível de vida melhor e quebrar o ciclo de miséria em que a família vive há gerações.

Segundo o poeta, o balanço da estada no seminário é profundamente negativo e, após ela, a criança passa a ser um “monstro”²² de egoísmo, estupidez e luxúria.

No início deste texto, Junqueiro descreve pormenorizadamente a vida despreocupada e alegre de uma criança que mantém estreita ligação com a natureza, a sua primeira grande escola. É precisamente esse contacto estreito que lhe permite manter a sua saudável alegria e pureza infantis: “Ele era nesse tempo uma criança loira/ Ao vento, ao sol, pastoreando os gados/[...]Dormindo a boa sesta ao pé das claras fontes/ No rijo e negro pão cravando os dentes brancos,/ Radioso como a aurora e bom como a alegria”.²³

Como é visível, pela descrição deste quadro, a pobreza e a vida dura do campo em nada inibem a felicidade infantil; pelo contrário, promovem o seu saudável e harmonioso desenvolvimento.²⁴

Neste primeiro momento do poema, que assume contornos de texto narrativo,²⁵ o rapaz, que é personagem principal, faz jus ao célebre dito latino *mens sana in corpore sano*, pois tudo é nele grande e sem mácula, desde os olhos (espelho da alma), que têm “uma limpidez virtuosa”²⁶ e “reflectem uma audácia heróica e valorosa”²⁷ ao timbre da sua voz que é “imperiosa e clara”²⁸, até à sua postura “altivamente recta”²⁹. Com efeito, o pequeno herói desta “história” reúne todas as condições necessárias para ser um “soberbo [...] atleta em miniatura”.³⁰

Porém, o destino deste jovem é drasticamente alterado pela decisão paterna de os seus estudos se efectuarem num seminário. O pequeno João vai ter de partir e o pai, “um bravo aldeão”³¹, apresen-

ta-lhe, num excelente discurso argumentativo, todos os motivos que justificam a opção pela vida eclesiástica que tomou pelo filho. Os motivos, de ordem estritamente materialista e mundana, transmitem claramente a ideia negativa que o povo português do século XIX tinha sobre os membros do clero, visível nas palavras paternas:

“ Vou botar-te ao latim, quero fazer-te gente/[...] Hoje padre é melhor talvez que ser doutor/ Aquilo é grande vida; é vida regalada. / Olha, sabes que mais? Manda ao diabo a enxada. / Aquilo é que é vidinha! Aquilo é que é descanso! / Arrecada-se a côngrua, engrola-se o ripanço, / Arranja-se um sermão aí com quatro tretas, / Vai-se escorropichando o vinho das galhetas”.³²

Como o exemplo acabado desta vida, sem princípios religiosos ou morais, mas com muitos proveitos materiais, é apresentado o padre da terra, que é alvo de dura crítica:

“Olha, João, vê tu o nosso padre – cura:/ É, sem tirar nem pôr, uma cavalgada. / Vi-o chegar aqui mais roto que os ciganos;/ Pois tem feito um casão em meia dúzia de anos”.³³

As expectativas deste pai para o futuro do filho não coincidem com as do pequeno João que se mostra triste e contrariado³⁴, como é visível pela reacção paterna: “Mas que é isso rapaz? Nada de choradeira/ Toca p’ró seminário. Eu quero ir para a cova/ Só depois de te ouvir cantar a missa nova”.³⁵

Depois de uma elipse³⁶, a história de João prossegue, agora já “coluna da igreja”.³⁷ Depois da sua formação no seminário, o “muitíssimo ilustre e digno padre João” faz a sua aparição na aldeia. É sobre este novo João que o sujeito poético tece as suas considerações, e mais concretamente reflecte sobre ele como o resultado concreto de um processo educativo operado pelo seminário. Desde logo se assinala uma “transfiguração”³⁸, “uma radical mudança”³⁹, pois “Em vez do alegre filho chega um monstro já decrépito/ Que acabava de vir das jaulas clericais”.⁴⁰

Segundo o autor, a educação no seminário funcionava em moldes tais que atrofiava mentes e corpos, “Em lugar da inocente, angélica criança,/ Voltava um chimpanzé, estúpido e bisonho/ [...] Seu corpo juvenil, robusto e florescente,/ Vergava para o chão, exausto de cansaço.”⁴¹

Junqueiro compara, através da metáfora, a ida de João para o seminário com o aprisionamento de um passarinho, cujo canto morre de tristeza: “Metida nas prisões escuras de Loiola/ A sua alma infantil, não tendo luz nem ar,/ Foi como os rouxinóis, que dentro da gaiola/ Perdem toda a alegria e morrem sem cantar”.⁴²

O autor reflecte sobre a alma infantil e como a educação na infância é assunto da maior importância, considerando o autor que ela deixa marcas indeléveis na vida futura: “As almas infantis são brandas como a neve, /São pérolas de leite em urnas virgínicas,/ Tudo quanto se grava e quanto ali se escreve,/ Cristaliza em seguida e não se apaga mais.”⁴³

Guerra Junqueiro, em vários momentos da sua obra poética, faz questão de salientar a importância da educação de crianças e jovens, pois que da sua formação presente dependerá a sua actuação futura como homens e mulheres de bem, conscientes e socialmente válidos.

Se a educação é objecto de várias reflexões na obra junqueiriana, também a escrita para os mais novos é alvo de detalhada atenção.

Partilhamos a opinião de quantos defendem que a literatura portuguesa para crianças não existiu, enquanto tal, antes da segunda metade do séc.XIX, nomeadamente com a geração de Antero e Eça, conhecida como a geração de 70 e com Abílio Guerra Junqueiro. E quando falamos de literatura para crianças ou literatura infantil, falamos, naturalmente, de uma intenção deliberada de escrevê-la para um público-alvo: a criança. As obras antes existentes, lidas por alguns privilegiados, ou cujas versões mais ou menos adulteradas eram escutadas aos serões à lareira, ou em mercados e praças públicas, através de jograis ou vendedores ambulantes, não eram literatura infantil. Eram literatura de expressão oral e popular, literatura para todos. E adoptada pelas crianças. A distinção infantil ou juvenil não estava feita nem havia preocupação em fazê-la.

O que realmente aconteceu foi que a Geração de 70, por intermédio de alguns dos seus elementos mais destacados era detentora de uma consciência crítica relativamente à necessidade de escrever para a criança em moldes mais semelhantes aos actuais. A pedagogia emergente apontava alguns caminhos e mostrava a criança como um ser humano com características próprias e não simplesmente um indivíduo em estágio para a fase adulta.

Eça de Queirós, em 1903, ao escrever nas suas *Cartas de Inglaterra*, aquela que podemos considerar como a primeira crítica literária sobre literatura infantil portuguesa, traça uma panorâmica do que se passava até então no nosso país. Com o espírito crítico e humor que lhe reconhecemos, compara a produção nacional com a riqueza da literatura para crianças que encontrou no estrangeiro e diz: “A Bélgica, a Holanda, a Alemanha, prodigalizam esses livros para crianças; na Dinamarca, na Suécia, eles são uma glória da literatura e uma das riquezas do mercado. Em Portugal nada”.⁴⁴

O escritor refere aquilo que o impressionou nos livros que

se destinavam à infância e lamenta que os não haja no nosso país, ressaltando o facto de não serem em nada inferiores “à nossa literatura de homens sisudos”⁴⁵, serem contados numa linguagem “simples, pura, clara”⁴⁶ e não serem “ornatos de sala”.⁴⁷ Falando de Portugal, Eça diz ainda: “Eu às vezes pergunto a mim mesmo o que é que em Portugal lêem as pobres crianças. Creio que se lhes dá Filinto Elísio, Garção, ou outro qualquer desses mazorros sensaborões, quando os infelizes mostram inclinação pela leitura. Isto é tanto mais atroz quanto a criança portuguesa é excessivamente viva, inteligente e imaginativa.”⁴⁸.

Resumindo, Eça de Queirós considera a Literatura para crianças fundamental na construção das suas personalidades, no sentido destas virem a ser cidadãos equilibrados e conscientes, afirmando: “estou certo que se existisse uma literatura infantil como a da Suécia ou da Holanda, para citar países tão pequenos como o nosso, erguer-se-ia consideravelmente entre nós o nível intelectual.”⁴⁹

Para concluir a sua reflexão sobre literatura infantil, o autor critica a sociedade portuguesa, através da sua omnipresente ironia

*“Eu bem sei que esta ideia de compor livros para crianças faria rir Lisboa inteira. [...] Lisboa quer coisa superior; quer a bela estrofe lírica, o fadinho ao piano, o rico drama em que se morre de paixão ao luar [...] enfim, tudo o que o romantismo português inventou de mais nobre. Educar os seus filhos inteligentemente está decerto abaixo da sua dignidade.”*⁵⁰

Guerra Junqueiro concorda em tudo com esta visão negra apresentada por Eça e porque considera que a infância é fase do desenvolvimento humano de importância vital resolve dedicar-lhe atenção, também sob a forma de literatura. Assim, em 1877, a Litografia Universal publica a sua obra em prosa *Contos para a Infância*, obra de que se fizeram várias edições a partir de 1881, demonstrativas de boa aceitação por parte do público comprador. Os principais temas presentes: o amor de mãe, a bondade, a verdade, a justiça, a solidariedade, o trabalho, a perfeição da natureza, a gratidão, o bem, a crença em Deus e no mundo metafísico, são aspectos que o escritor exalta, com vista a que o jovem leitor descubra e escolha uma escala de valores positivos e, consequentemente, construtivos de personalidades íntegras.

Não pretendemos fazer uma análise exaustiva, mas apenas ilustrar, com alguns exemplos mais significativos, as temáticas atrás enunciadas. Deste modo, sobre o amor de mãe, temos os contos: «A mãe»⁵¹, que abre a colectânea, e «A urna das lágrimas». O primeiro é uma adaptação do conto de Andersen, em que uma mãe desesperada tenta reaver, por todos os meios, o filhinho que a morte lhe levou. No segundo caso é de notar que, aquilo que hoje em dia nos pareceria

mórbido e susceptível de ferir a sensibilidade das crianças, era aceite no fim do século XIX como zona temática própria para literatura infantil.⁵²

Relativamente a atributos e valores como a bondade, a verdade, a justiça, a solidariedade, o trabalho e a gratidão, eles estão presentes na maior parte da obra, como o provam os seguintes títulos: «Doçura e Bondade»⁵³, «Presente por Presente»⁵⁴, «O Pinheiro ambicioso»⁵⁵, «Boa Sentença»⁵⁶, «Reconhecimento e Ingratidão»⁵⁷, «Os animais agradecidos»⁵⁸ e «Inconveniente da riqueza»⁵⁹, para não dar mais que alguns exemplos.

A perfeição da natureza como reflexo da magnitude e perfeição divinas e a grandeza de um mundo de superior espiritualidade, muito acima das pequenezas e miséria humanas, são crenças do autor, estando presentes em textos como: «A canção da cerejeira»⁶⁰, «A criança, o anjo e a flor»⁶¹, «Perfeição das obras de Deus»⁶², «Os três véus de Maria»⁶³, «A alma», «O ermitão»⁶⁴ e «O linho».⁶⁵

Natércia Rocha, na sua *Breve história da Literatura para Crianças em Portugal* (pp.49/50) afirma:

“Embora preocupados com a adequação das leituras previstas para as crianças, autores como Junqueiro e Antero não se desprendem de intenções imediatistas ligadas ao “dever” e ao “saber”. Basta compulsar a antologia Tesouro Poético da Infância, de Antero ou ler algumas páginas da obra Contos para a Infância ou do poema Tragédia Infantil, de Junqueiro, para se poder avaliar a distância entre intenções e realizações”. A autora acrescenta: “A criança é então vista com uma aura poética, desajustada e opressiva. Os autores debruçam-se sobre recordações de infância, tomando por tema a criança imaginada através de factores afectivos individuais. Daí uma certa ambiguidade entre as obras literárias ao dispor das crianças e aquelas que simplesmente a tomam por tema.”

Apesar desta posição crítica, Natércia Rocha não pode deixar de afirmar:

“Contudo, o próprio fenómeno da procura frequente da criança como tema literário encaminha para o melhor conhecimento da realidade da criança e as transformações no âmbito da criação literária sofrem condicionamentos gerados pelas correntes pedagógicas e pelas situações político-sociais”.

Embora muitos dos textos presentes em *Contos para a Infância* não sejam da autoria de Junqueiro e sim, adaptações de contos tradicionais⁶⁶ ou de autores consagrados da literatura infantil⁶⁷, como Andersen ou os irmãos Grimm, esta obra não deixa de ter um enorme

valor intrínseco na época em que surgiu no panorama literário português, sendo do “mais singelo, mais gracioso e mais humano.”⁶⁸.

O carácter de compilação que o livro apresenta é assumido pelo próprio autor, quando o compara metaforicamente com “um ramo de flores, mas não de flores extravagantes, com coloridos insensatos e aromas venenosos e diabólicos. É um ramo de florinhas cândidas, que as mães, à noite, deixarão sem temor na cabeceira dos berços.”⁶⁹

O prefácio da obra, da autoria de Junqueiro, é um documento de profundo valor pedagógico e, já pela sua actualidade, já pelo que revela da alma do poeta, não resistimos a escutar algumas das suas passagens.

“A alma de uma criança é uma gota de leite com um raio de luz.

Transformar esse lampejo numa aurora, eis o problema.

A mão brutal do pedagogo áspero, tocando nessa alma, é como se tocasse numa rosa: enodoa-^a

Para educar as crianças é necessário amá-las. As escolas devem ser o prolongamento dos berços. Por isso, os grandes educadores como Froebel, têm uma espécie de virilidade maternal.

O leite é o alimento do berço, o livro o alimento da escola. Entre ambos dever

A existir analogia: pureza, fecundidade, simplicidade.

Livros simples! Nada mais complexo.

Não são os eruditos gelados que os escrevem; são as almas intuitivas que os adivinham.”⁷⁰

Como é visível na reflexão inicial que abre esta obra em prosa dedicada aos mais pequenos, Guerra Junqueiro não desdenhou em escrever para as crianças e, ao falar dos livros que se devem escrever para a infância, revela-se bem consciente de que, ao contrário do que muitos escritores pensavam, e ainda pensam, escrever para as crianças não é mais fácil do que fazê-lo para leitores adultos.

Com efeito, pela leitura desta obra, podemos concluir que o autor cumpre todas as funções (estética, pedagógica e social) que se pretende que uma obra alcance junto a um público infante-juvenil. Deste modo, *Contos para a Infância* recreia e forma o leitor, tornando-o disponível aos valores estéticos e aos valores éticos e transforma-o e com ele a sociedade, apontando-lhe valores concretos que orientarão a sua acção e actuação cívica.

Recreando, formando e transformando, visará, pois, este

livro, que se integra plenamente no conceito de literatura infantil e juvenil, fazer da criança e do jovem, no seu tempo próprio, um homem livre e activo, criador de uma nova cultura.

A obra de Guerra Junqueiro fez parte integrante do cânone literário durante várias décadas (40,50,60 do séc. XX), pois, parte dela, foi seleccionada pelo poder instituído (Estado Novo) para figurar nos manuais escolares, e serviu, longo tempo, para transmitir determinados valores e ajudar a formar consciências.

Concluímos, após estudo detalhado dos enunciados textuais presentes nos manuais escolares da terceira e quarta classes da década de 50, que apenas foi seleccionada a produção literária do autor que evidenciava o amor à Terra, ao ruralismo, às actividades primárias, bem como os grandes valores como a Honestidade, o Trabalho, o amor a Deus e à Família, o respeito e obediência às instituições e governantes.

Junqueiro foi tido e conceituado porque a sua presença literária nos livros escolares evidencia a sua faceta de nacionalista crente e “esconde” o seu lado contestatário e iconoclasta.

De há anos a esta parte Guerra Junqueiro tem sido excluído do contexto escolar. Este facto deve-se, em nosso entender, a mudanças no gosto literário, relacionadas com a reavaliação de géneros representados pelas obras canónicas,⁷¹ bem como à entrada no cânone de muitas obras, graças a bem sucedidas campanhas publicitárias e de propaganda.⁷²

Não podemos concluir sem ressaltar que, embora homem de seu tempo, Guerra Junqueiro foi um espírito de vanguarda no que respeita às suas reflexões pedagógicas, uma faceta sua menos conhecida que tentámos evidenciar neste nosso trabalho.

Por tudo o que foi apresentado, nós, leitores e educadores, temos por obrigação manter viva a sua memória através do uso e divulgação da sua obra literária.

Notas

¹ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «A Escola Portuguesa», *A Musa em Férias, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 686.

A metáfora é o recurso mais usado neste poema a nível do plano estilístico-semântico.

² JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. ci*, p.686.

³ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.687.

⁴ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.687

⁵ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. Cit.*, p.688.

⁶ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. Cit.*, P.688.

A nível do plano estilístico-semântico, o uso desta hipálage serve para transmitir o tédio e tristeza que no século XIX o processo de ensino-aprendizagem impunha às crianças.

Ao invés de ser um local de motivação e incentivo ao conhecimento e desenvolvimento harmonioso da criança, a escola era um espaço de terror e sofrimento extremos.

⁷ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. Cit.*, p.688.

⁸ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. Cit.*, p.689.

⁹ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. Cit.*, p.688.

Atente-se na importância da metáfora com toda a carga afectiva que ela transmite. A noite, símbolo do desconhecido e do obscurantismo, é identificada com o professor e a alvorada, promessa de vida e concretizações futuras, corresponde ao pequeno aprendiz. Esta definição de cada um dos elementos do processo de ensino/aprendizagem aprofunda ainda mais o fosso existente entre os dois.

- ¹⁰ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.688.
- ¹¹ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.689.
Novamente a metáfora a transmitir o carácter negativo e destrutivo que a escola representava no universo infantil do século XIX.
- ¹² JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 687.
- ¹³ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.687.
- ¹⁴ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.688.
- ¹⁵ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.688.
- ¹⁶ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.688.
- ¹⁷ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.688.
- ¹⁸ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.689.
Esta é uma das metáforas mais expressivas deste texto, pois transmite de forma crua e nua o modo como a criança era tratada na escola: completamente castrada nos seus desejos e vontades e abafada na sua criatividade. Ao escolher como segundo termo de comparação o objecto “almofariz”, usado para esmagar e reduzir a pó, Junqueiro transmite, de modo nítido, a opressão de que eram vítimas os pequenos estudantes na escola pública do século XIX..
- ¹⁹ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.687.
- ²⁰ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.686.
- ²¹ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, « Como se Faz um Monstro», *A Velhice do Padre, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p. 474.
- ²² “Que transfiguração! Que radical mudança! Em lugar da inocente, Angélica criança,/ Voltava um chimpanzé, estúpido e bisonho./ [...] A ignorância profunda, a estupidez suína,/ A luxúria d’Igreja, ardente, clandestina,/ O remorso, o terror, o fanatismo inquieto”, in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Como se faz um Monstro», *A Velhice do Padre Eterno, Obra Completa (Poesia)*, Porto, Lello & Irmão- Editores, s./d, p.383.
- ²³ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.383.
- ²⁴ A descrição da vida no campo é tão idílica que o autor chega a comparar o carácter pictórico da cena descrita a uma pintura de autor consagrado: “E à tarde quando o Sol, extraordinário Rubens./ Na fantasmagoria esplendida das nuvens,/ Colorista febril lança, desfaz, derrama/ O topázio, o rubi, a prata, o oiro, a chama”, in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.383. A nível do plano estilístico-semântico, atente-se como a enumeração assindética confere um especial visualismo pictórico ao quadro apresentado.
Este é mais um exemplo de como a miscigenação modal é uma constante em toda a produção literária de Junqueiro.
- ²⁵ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.384.
- ²⁶ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.384.
- ²⁷ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.384.
- ²⁸ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.384.
- ²⁹ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.384.
- ³⁰ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.384.
- ³¹ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.384.
É importante constatar a nível do plano técnico compositivo, a presença de um tom oralizante e o uso de um registo de língua popular para conferir verosimilhança às palavras do camponês.
- ³² JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*

- ³³ No século XIX, esta atitude paterna em nada nos surpreende, uma vez que eram sempre os progenitores que tomavam todas as decisões concernentes à vida dos seus filhos, fosse a nível do plano pessoal ou profissional.
- ³⁴ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.385.
- ³⁵ Estratégia literária própria do modo narrativo, mais uma vez a comprovar a miscigenação modal presente na obra literária junqueiraiana.
- ³⁶ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.385.
- ³⁷ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.385.
- ³⁸ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.385.
- ³⁹ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.385.
Atente-se na expressividade da metáfora, “jaulas”, a fazer corresponder o seminário a um local onde estão encerrados animais.
- ⁴⁰ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.385.
- ⁴¹ JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.385.
Notemos, novamente a força expressiva da metáfora. Neste caso, a aproximação do termo seminário do conceito de prisão transmite a ideia que o autor tem sobre a educação nesta instituição religiosa, associada a encarceramento e ao obscurantismo da rígida ortodoxia católica.
- ⁴² JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p.386.
- ⁴³ QUEIRÒS, Eça de, *Cartas de Inglaterra*, Edições Livros do Brasil, cap. V, «A Literatura de Natal», Lisboa, s/d., p. 53.
- ⁴⁴ QUEIRÒS, Eça de, *op. cit.*, 51.
- ⁴⁵ QUEIRÒS, Eça de, *op. cit.*, 52.
- ⁴⁶ QUEIRÒS, Eça de, *op. cit.*, 53.
- ⁴⁷ QUEIRÓS, Eça de, *op. cit.*, 53.
- ⁴⁸ QUEIRÒS, Eça de, *op. cit.*, 53.
- ⁴⁹ QUEIRÒS, Eça de, *op. cit.*, 54.
- ⁵⁰ ” In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «A Urna das Lágrimas», *Contos para a Infância*, Lello e Irmão Editores, Porto, s./d., p.9.
- ⁵¹ “Era uma vez uma viuva que tinha uma filhinha muito linda, a quem adorava sobre todas as coisas. Não se separava dela um só momento; mas um dia a pobre pequerrucha começou a sofrer, adoeceu e morreu. A desditosa mãe, que tinha passado as noites e os dias a sem repousar um momento, à cabeceira da filha, julgou endoidecer de mágoa e de saudades. Não comia, não fazia mais nada senão chorar e lamentar-se[...] viu-a aparecer a ela, a sua querida filha, trazendo nas mãos uma urna que vinha cheia até às bordas[...] Se chorares mais, transbordará, e as tuas lágrimas correrão sobre mim, inquietando-me no túmulo e perturbando a minha felicidade no paraíso. A pequena desapareceu e a mãe não tornou a chorar para não a afligir.” In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «A Urna das Lágrimas», *Contos para a Infância*, Lello e Irmão Editores, Porto, s./d., pp.89-90.
- ⁵² In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 29.
- ⁵³ In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 61.
- ⁵⁴ In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 69.
- ⁵⁵ In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 77.
- ⁵⁶ In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 91.
- ⁵⁷ In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 131.
- ⁵⁸ In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 179.

- ⁵⁹ In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 27.
- ⁶⁰ In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 51.
- ⁶¹ In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 79.
- ⁶² In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 115.
- ⁶³ In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 169.
- ⁶⁴ In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*, p. 183.
- ⁶⁵ Casos, por exemplo, de: *A serpente branca*, p.231, *João e os seus camaradas*, p.119, *João Pateta*, p.241, *O Oiro*, p.47, *O rabequista*, p.101, in, JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *Contos para a Infância*, Lello e Irmão Editores, Porto, s./d.
- ⁶⁶ Casos de: *A mãe*, p.5, *O valente soldado de chumbo*, p.159 e *A rapariguinha e os fósforos de Hans Christian Andersen*, *O chapelinho encarnado*, p.193, e *Branca de Neve*, p.211, dos irmãos Grimm, in JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, *op. cit.*
- ⁶⁷ In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Duas Palavras», *Contos para a Infância*, Lello e Irmão Editores, Porto, s./d., p.6.
- ⁶⁸ In JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra, «Duas Palavras», *Contos para a Infância*, Lello e Irmão Editores, Porto, s./d., pp.6-7.
- ⁶⁹ In, Abílio Manuel Guerra, «Duas Palavras», *Contos para a Infância*, Lello e Irmão Editores, Porto, s./d., pp.5-6.
- ⁷⁰ Na opinião de Harold Bloom, cada época possui um repertório relativamente reduzido de géneros que lutam uns com os outros pela sobrevivência, afirmando que a selecção de obras literárias que têm um estatuto canónico se prende também com a ideologia dos grupos sociais dominantes, instituições educativas e tradições de crítica. Cf. BLOOM, Harold, *O Cânone Ocidental*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 40.
- ⁷¹ BLOOM, Harold, *op. cit.*, p. 39.